

A INTERATIVIDADE TECNOLÓGICA COMO FERRAMENTA PARA DAR VOZ A AUTORAS INDÍGENAS

TECHNOLOGICAL INTERACTIVITY AS A TOOL TO AMPLIFY THE VOICES OF INDIGENOUS WOMEN WRITERS

Sunamita Vitória Rodrigues dos Santos¹
Nívia Maria Assunção Costa²

RESUMO

Este estudo objetivou investigar como os enquadres sociais e os alinhamentos das pessoas representaram o lugar de pertencimento de autoras indígenas na sociedade, sobretudo por meio da interatividade tecnológica. Baseado nos estudos sociolinguísticos interacionais e na teoria sociocognitivista, o trabalho reconheceu a importância das interações sociais no ambiente digital. A pesquisa envolveu 03 autoras de comunidades indígenas distintas e foi conduzida em três etapas: aplicação de um questionário semiestruturado pré-entrevista, criação de um espaço virtual dedicado às autoras e uma série de três entrevistas no YouTube, acompanhadas de um questionário com 58 usuários voluntários. Os resultados mostraram a expressiva promoção da visibilidade das autoras indígenas, bem como o fortalecimento de suas vozes e desconstrução de estereótipos sobre a mulher indígena na própria organização social. Além disso, a interatividade tecnológica e a colaboração mútua possibilitaram a criação de um espaço virtual dedicado a cada autora, amplificando suas narrativas e perspectivas e servindo como recurso virtual para fins de consulta pedagógica.

Palavras-Chave: 1. Representação social da mulher indígena 2. Literatura de autoria indígena 3. Tecnologia

ABSTRACT

This study aimed to investigate how social frames and people's alignments represented the sense of belonging of Indigenous women writers in society, particularly through technological interactivity. Based on interactional sociolinguistic studies and sociocognitive theory, the research recognized the importance of social interactions in the digital environment. The study involved three authors from distinct Indigenous communities and was conducted in three stages: the application of a semi-structured pre-interview questionnaire, the creation of a virtual space dedicated to the authors, and a series of three interviews on YouTube, followed by a questionnaire with 58 volunteer users. The results demonstrated a significant increase in the visibility of Indigenous authors, as well as the strengthening of their voices and the deconstruction of stereotypes about Indigenous women within their own social organization. Additionally, technological interactivity and mutual collaboration enabled the creation of a virtual space for each author, amplifying their narratives and perspectives and serving as a virtual resource for educational purposes.

Keywords: 1. Social representation of indigenous women Indigenous Brazilian authors 2. Literature by indigenous authors 3. Technological

1 Graduada em Engenharia de Software (UnB). Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Linguagem (NEP-Linguagem). Curriculum lattes: <http://lattes.cnpq.br/4110024563891701>. E-mail: sunamita.vrs@gmail.com.

2 Doutorado em Linguística (UnB). Mestrado em Linguística Aplicada (UnB). Licenciada em Letras (Português/inglês – CESB). Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Linguagem (NEP-Linguagem) e do Núcleo de Estudos Discursivos e Enunciativos (NEDE). Atualmente é professora e pesquisadora no Câmpus Valparaíso de Goiás do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. Curriculum lattes: <http://lattes.cnpq.br/3391313118485134>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1762-0922>. E-mails: profnivia@gmail.com / nivia.costa@ifg.edu.br.

INTRODUÇÃO

Pare, concentre-se e imagine - rapidamente - em uma autora brasileira indígena. Na memória, podem vir facilmente nomes como Cora Coralina, Clarice Lispector, e Cecília Meireles, especialmente porque são figuras consagradas na literatura brasileira. No entanto, é provável que poucas pessoas consigam lembrar de uma autora indígena imediatamente. Quais são suas produções literárias? Qual a importância de suas obras para a sociedade? Quais conquistas tiveram como autoras brasileiras de comunidades indígenas? Como o enquadre e a representatividade social dessas autoras se refletem na própria organização social?

Com essas indagações, justifica-se a seguinte argumentação: por mais que aquelas escritoras já consagradas e importantes na literatura tenham contribuído com suas obras e falas para interagir socialmente com o mundo, transformando-o em um lugar melhor, no entanto, é fundamental fortalecer os espaços de conquista para as vozes das autoras brasileiras indígenas, vozes que representam o pertencimento, mas que ainda necessitam de apoio para ganhar maior visibilidade e reconhecimento na sociedade.

Sabe-se que, no âmbito escolar, o lugar de pertencimento de fala e a produção intelectual de autoras brasileiras de povos originários têm tido um espaço vagaroso no currículo e nos materiais didáticos. Por que isso ainda acontece mesmo sabendo que há leis que regulamentam o ensino da literatura indígena nas escolas? Do mesmo modo, surge a necessidade de se discutir, para além do ambiente escolar, os percalços que envolvem a (in)visibilidade de autoras brasileiras indígenas, sobretudo porque elas têm se mostrado presentes na literatura, destacando aldeias, língua, cultura e ancestralidade.

Todavia, em certos espaços sociais, as vozes das autoras indígenas ainda são estereotipadas pela sociedade. Diante dessas distorções, elas reforçam a ancestralidade de seus povos, suas lutas e conquistas, buscando fortalecer a representatividade indígena e garantir sua liberdade por meio da escrita, enfrentando o exílio histórico imposto a elas, seus povos e suas culturas.

Diante do exposto, alinhamo-nos nos estudos da sociolinguística interacional, com incursões nos fundamentos da sociocognição, sobretudo porque essas ciências se interessam pela dinâmica e complexidade da vida em sociedade, bem como pelo entendimento dos constantes enquadres e alinhamentos a que cada interagente social se submete para compreender o outro e ser compreendido em uma constante negociação de sentidos das práticas discursivas, especialmente em contexto tecnológico.

Desse modo, ao refletir sobre a arte literária representada nas produções intelectuais da mulher brasileira indígena, surgiu a oportunidade de investigarmos como os enquadres sociais e os alinhamentos dos participantes desta pesquisa – de um lado, as autoras de comunidades indígenas e, de outro, os usuários do canal no YouTube – representaram o pertencimento das autoras indígenas na sociedade, especialmente por meio da interatividade tecnológica.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sabemos que a Lei 11.645/2008, que alterou a Lei 9.394/1996, pontua as diretrizes e bases da educação nacional, com o objetivo de incluir, no currículo oficial da rede de ensino brasileiro, a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”. Nesse ínterim, observamos a exigência de uma lei brasileira que procura garantir o alinhamento entre o contexto escolar e a comunidade indígena.

Todavia, a representatividade indígena nas escolas brasileiras não-indígenas, por mais tímida que ainda seja, tem sido fortalecida, sobretudo diante do fortalecimento de uma literatura de autoria indígena na matriz curricular das escolas, tornando-se um espaço de práticas sociais por meio do diálogo entre autor(a) e leitor(a). A esse respeito,

As relações intersemióticas entre os livros e os outros objetos produzidos pelos índios, entre os livros dos índios e os dos brancos, entre os textos antigos e os modernos, entre os textos audiovisuais e os impressos, acabarão por produzir novos espaços de inclusão – fricções interculturais – mais adequados à pluralidade da sociedade brasileira. Quanto mais se vê, mais se conhece, e mais se ama: essa lógica ideal justifica o esforço de publicação dos textos indígenas (ALMEIDA, 2014, p. 20).

Conforme podemos inferir, segundo Almeida (2014), os materiais didáticos indígenas fortalecem a necessidade de se combater, para além do ambiente escolar, os percalços que contribuem para a invisibilidade dos povos originários. Segundo a autora (2014), são necessárias ações que, de fato, fortalecem a inclusão e a visibilidade da comunidade indígena. Percebemos, portanto, que ações de inclusão indígena possibilitam um avanço no processo democrático, rompendo com a hegemonia tradicional. E nessa ideia, percebemos, em um avanço democrático ainda tímido, que a mulher escritora indígena, apesar dos inúmeros obstáculos, tem se afirmado como protagonista de suas próprias ações, utilizando suas práticas discursivas nos espaços aos quais pertence.

Os estudos sociolinguísticos (COSTA, 2019; TANNEN; WALLAT, 2013, por exemplo) e sociocognitivos (COSTA, 2019) pontuam a necessidade de se pensar na representação que há entre língua/cultura e representação social e cognitiva, aprofundando os estudos dos processos de interações interculturais, como, por exemplo, o contato da língua/cultura indígena com outras línguas/culturas não-indígenas. Portanto, nos processos interativos, Costa (2019) pontua a potencial das tecnologias para a construção dos diálogos, dos discursivos e dos sentidos dos enunciados. Assim, defendemos a ideia de que a interatividade tecnológica potencializa o saber a partir do momento em que há a colaboração mútua entre os protagonistas da interação social em contexto digital.

Costa (2019, p.50), mais uma vez, ressalta que os aprendizes de línguas, em contato virtual, têm a oportunidade de desdobrar e construir conhecimentos por toda parte "com interações coordenadas no mesmo ambiente virtual de aprendizagem.". Portanto, percebemos que a inclusão e a visibilidade de mulheres indígenas brasileiras podem ser potencializadas pelas mídias digitais e tecnologias, já que elas possuem vozes de resistência, expressas por meio da escrita de suas obras literárias, reivindicando espaços em uma sociedade tradicionalista, preconceituosa e marcada por estereótipos sobre seu lugar de pertencimento.

Esse lugar de pertencimento está alinhado, neste trabalho, em torno de um contínuo de fatores, a saber: cognição, linguagem e mundo social, uma vez que, conforme destaca Costa (2019), a cada interação em desenvolvimento, as pessoas tentam adequar a sua bagagem cognitiva a novos conhecimentos que vão surgindo, continuamente, nos processos interativos.

Conforme Tannen e Wallat (2013), estes fatores orientam como as pessoas interagem socialmente e sobre como constroem sentidos por meio de dois laços: à coletividade, por serem membros de uma sociedade, e a outros grupos devido às relações sociais existentes. Com base nisso, para compreendermos uns aos outros, negociamos os conflitos continuamente, ou seja, expressamos nossas ideias construídas ao longo de experiências de vida com o mundo social e ajustamos continuamente nossa bagagem cognitiva aos novos conhecimentos que surgem nas interações sociais em desenvolvimento. Essa é a ideia de enquadre compreendida por Tannen e Wallat (2013).

Diante do exposto, ressaltamos que a partir do momento em que compreendemos os discursos de autoria indígena, passamos a respeitar a diversidade cultural na sociedade brasileira e a lutar em parceria com os povos originários defendendo a natureza, a ancestralidade indígena, bem como a língua e a territorialidade dos indígenas. Neste estudo, defendemos, portanto, a ideia de que

o termo “enquadre” está associado à experiência de vida por meio de encontros ou comprometimentos da sociedade em favor das causas indígenas, resultando, conforme explicações de Tannen e Wallat (2013) sobre as duas categorias que classificam esse termo - o enquadre -, no seguinte entendimento: o enquadre de interpretação acerca da representatividade social alinhado à estrutura de conhecimentos, ambos construídos com base na experiência de vida social e cognitiva das pessoas.

Para ampliarmos o nosso entendimento a respeito do conceito de enquadre e, também, da ideia da existência de conflito social, destacamos Bateson (2013) e consideramos para fins de exemplificação as duas seguintes mensagens: “adoramos o povo indígena” e “estamos muito ocupados para dar atenção necessária à comunidade indígena”. Ao interpretar esse vínculo - de dois laços - percebemos uma falta de alinhamento devido às duas mensagens de natureza contraditória, sugerindo a existência de um enquadre limitado - ou a ideia de enquadres distintos – a respeito do povo indígena e sua forma de ser representada para a sociedade.

O enquadre é, portanto, um conceito cunhado por Bateson (2013) que está presente nas falas das pessoas e que geralmente está vinculado a diversos sentidos, sinalizando indiferença, descuido, ironia, provocação, estereótipos, entre outros; e, independentemente, dos espaços em que ocupamos, o enquadre se mostra presente a partir do momento em que tentamos gerenciar as situações de mal-entendidos, conforme nos sinaliza Costa (2019).

A tecnologia, por sua vez, mostra-se um espaço favorável para o gerenciamento dos enquadres conflitantes, segundo Costa (2019). Nessa ideia, a interatividade tecnológica favorece a equidade, a integralidade e humanização dos serviços prestados por meio dela, contribuindo, dessa forma, para a melhoria da visibilidade indígena, bem como para a quebra de estereótipos sobre a autora indígena. Todavia, há de se pensar que

mediante o avanço das tecnologias, o ensino da Literatura nas escolas vem passando por uma crise, ocasionada não só pelas formas de ensino inadequadas, mas também pela proliferação da cultura de massa. Essa crise pode apresentar dois polos antagônicos: o do perigo e o das oportunidades (DESSBESELL; FRUET, 2012, p. 51).

Conforme observam Dessbesell e Fruet (2012), a aprendizagem ocorre por meio da tecnologia, todavia é importante adquirir a competência tecnológica para o sucesso do ensino da Literatura. Em contrapartida, a interatividade tecnológica é um espaço de oportunidades, sobretudo para o fortalecimento da literatura de autoria indígena.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo constituiu-se como uma pesquisa qualitativa de campo (ANGROSINO, 2009; FLICK, 2009), etnográfica virtual (HINE, 2000), de abordagem interpretativista e com triangulação dos dados gerados (ANGROSINO, 2009; FLICK, 2009; DENZIN, 1998). O objetivo foi promover um diálogo com a realidade observada, buscando compreender os acontecimentos e os contextos em que ocorreram, além de identificar quais aspectos deveriam ser, posteriormente, embasados teoricamente nesta investigação sobre a autora de comunidade indígena.

A esse respeito, segundo Costa (2019, p. 68), "a pesquisa qualitativa considera a interação entre o pesquisador em campo e a produção de conhecimento científico". Costa (2019, p. 68), destacando Flick (2009), ainda chama atenção para a importância das reflexões geradas pelos envolvidos na investigação como parte do processo da pesquisa qualitativa, versando-se em "dados sobre suas próprias atitudes, observações em campo, impressões, sentimentos etc. que constituem parte da interpretação das interações humanas."

Sobre a técnica de triangulação dos dados, Bortoni-Ricardo (2008, p. 61), por sua vez, nos ensina que um pesquisador qualitativo com clareza nos objetivos da pesquisa, consegue reunir dados de diferentes naturezas, como "observação direta, entrevistas, fotos, gravações de áudio e de vídeo etc.", os quais vão permitir "comparar dados de diferentes tipos com o objetivo de confirmar ou desconfirmar uma asserção", bem como "construir também uma triangulação combinando as perspectivas de diversos atores em uma ação". Por exemplo, a perspectiva das três autoras indígenas ao longo das etapas deste estudo, a perspectiva das próprias pesquisadoras desta investigação, a perspectiva de outros colaboradores deste estudo e, ainda, a perspectiva teórica que embasa este estudo.

De posse dessas informações, destacamos que esta pesquisa foi um trabalho de iniciação científica do ensino médio desenvolvido, no período de 2020/2021, de forma completamente remota, sobretudo devido ao isolamento social, causado pela covid-19 na época. Esclarecemos, também, que este estudo foi conduzido em três etapas, descritas nos próximos parágrafos.

Antes da primeira fase deste estudo, realizamos primeiramente uma busca virtual aleatória por mulheres indígenas em sites e redes sociais que faziam, na época, o levantamento e a classificação de autoras indígenas residentes no Brasil. A partir desse recrutamento aleatório, três autoras brasileiras de comunidades indígenas conhecidas por Telma Tremembé, Márcia Kambema e

Eunice Tapuia tiveram interesse em participar voluntariamente deste estudo, o que tornou possível a viabilidade de dar início à primeira etapa deste trabalho.

A primeira etapa envolveu a condução de uma pré-entrevista no ambiente virtual pela condução de um questionário³ semiestruturado off-line de 26 questões subjetivas, compartilhado por e-mail com as três autoras indígenas no mês de abril de 2021. Esse instrumento de pesquisa, construído no formulário do Google, objetivou gerar dados prévios sobre o que as autoras pensavam sobre a representatividade delas na sociedade.

A segunda etapa esteve relacionada à criação de três espaços virtuais completamente dedicados às autoras indígenas com o objetivo de serem utilizados como um recurso pedagógico de auxílio às pessoas que queiram adquirir mais conhecimentos sobre cada uma das três autoras indígenas deste estudo, bem como conhecer as suas obras literárias, atuações sociais e ancestralidade de cada autora.

Foi criado, portanto, um site para Telma Tremembé⁴, Márcia Kambeba⁵ e Eunice Tapuia⁶ na plataforma on-line conhecida por Wix.com, em que é possível criarmos e editarmos sites em HTML5 e sites Mobile, sem a necessidade de termos conhecimento prévio em programação ou *design*. O site é alimentado periodicamente, pela equipe do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Linguagem (NEP-Linguagem), grupo vinculado ao Câmpus Valparaíso de Goiás do IFG, conforme as informações compartilhadas por cada escritora.

A terceira e última etapa deste estudo tratou sobre a condução de uma série de três entrevistas virtuais nomeadas por “Roda de Entrevistas com Autoras Indígenas”⁷, no mês de julho de 2021, pelo canal do YouTube, do Câmpus Valparaíso de Goiás do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG).

Na 3ª etapa, a primeira entrevista virtual ocorreu no dia 23 de julho de 2021, às 15 horas, com a escritora e artesã Telma Tremembé, do estado do Ceará, no referido canal do YouTube. Na ocasião, foi apresentado o livro “Raízes do meu ser: Meu Passado Presente Indígena” da autoria

3 Para fins de consulta ao questionário pré-entrevista, segue o link de acesso direto a esse instrumento de pesquisa: 11nq.com/N2Zui

4 Para fins de consulta ao site de autora Telma Tremembé, segue o link de acesso direto à página: <https://neplinguagem.wixsite.com/telmatremembe>

5 Para fins de consulta ao site de autora Márcia Kambeba, segue o link de acesso direto à página: <https://neplinguagem.wixsite.com/marciakambeba>

6 Para fins de consulta ao site de autora Eunice Tapuia, segue o link de acesso direto à página: <https://neplinguagem.wixsite.com/eunicetapuia>

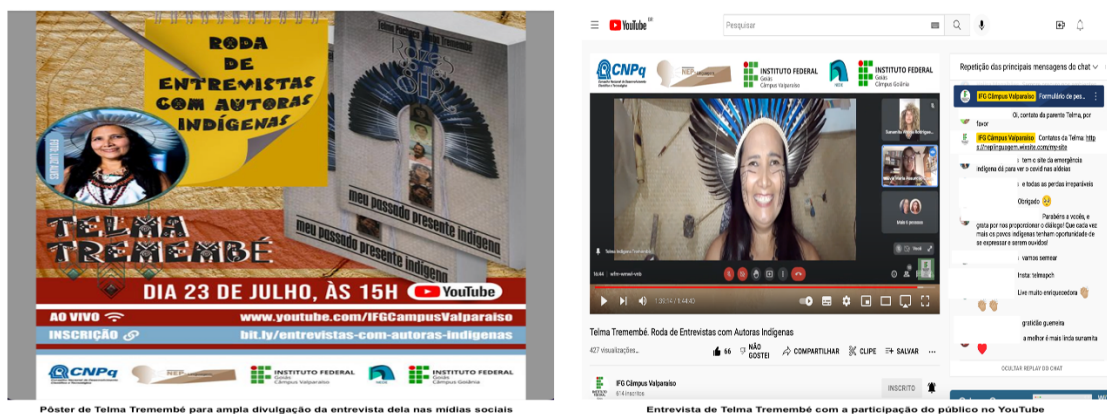
7 Para mais detalhes sobre a série, segue o link de acesso direto à matéria publicada na página do Câmpus Valparaíso de Goiás do IFG: <http://11nq.com/Kqgsi>

literária da própria autora, com 132 páginas e publicado em 2019, pela Editora Caixeiro Viajante de Leitura. Segundo Costa e colaboradoras (2022, p. 40), o livro promove um debate sobre as causas indígenas por meio de um

relato de resistência e luta do povo Tremembé do Ceará, bem como, da autoaceitação da autora do livro como parte desse povo, e ainda, suscita reflexões sobre a questão histórica brasileira pela ótica mais abrangente de uma literatura indígena, denunciando aqueles que foram enganados, invadidos, perseguidos, escravizados, violentados de todas as formas e declarados extintos do contexto brasileiro por meio de políticas públicas irresponsáveis.

Na entrevista, que durou uma hora e quarenta e quatro minutos e quarenta segundos, houve a participação colaborativa de aproximadamente 80 pessoas conectadas ao canal, fazendo perguntas, elogios, comentários em relação à autora, ao livro dela, entre outros assuntos sobre a comunidade Tremembé. Ressaltamos que até o momento de escrita deste artigo o vídeo no canal já havia alcançado 427 visualizações, conforme ilustra a Figura 1:

Figura 1 – Pôster de divulgação nas mídias sociais e a entrevista de Telma Tremembé no YouTube



Fonte: Autoria própria

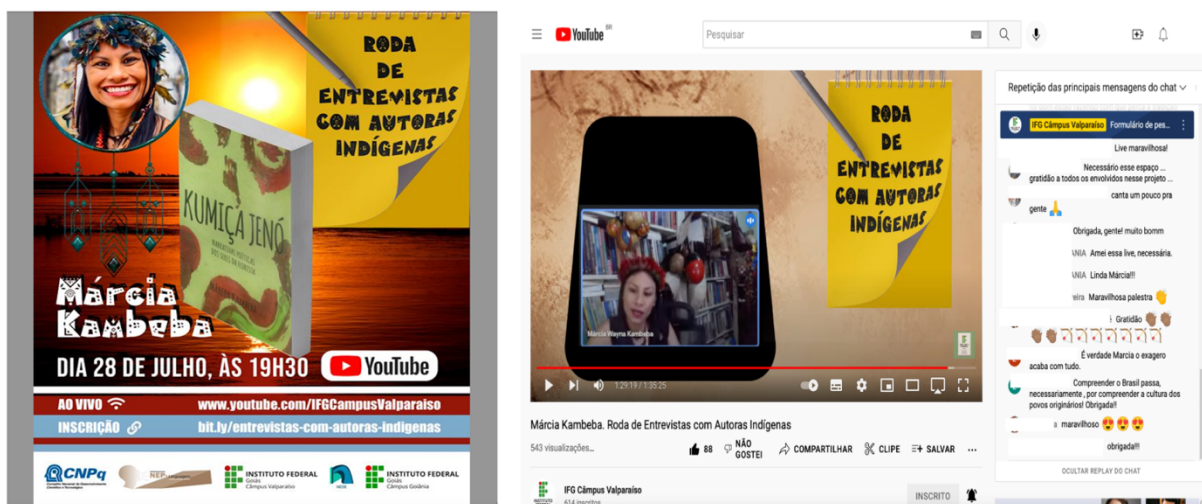
A 3ª etapa contemplou, também, a segunda entrevista virtual ocorrida no dia 28 de julho de 2021, às 19 horas e 30 minutos, com a escritora e cantora Márcia Kambeba, do estado do Pará, no referido canal do YouTube. Na ocasião, foi apresentado o livro “Kumiça Jenó: narrativas poéticas dos seres da floresta”⁸ da autoria literária da própria autora, com 160 páginas e publicado em 2021, pela Editora Underline Publishing. O livro contém 25 poemas narrativos por meio dos quais Márcia

⁸ Para ter acesso a esse livro e a outras obras de autoria de Márcia Kambeba, segue o link: https://www.amazon.com.br/s?i=stripbooks&rh=p_27%3AMárcia+Kambeba&s=relevancerank&text=Márcia+Kambeba&ref=dp_byline_sr_book_1

Kambeba destaca a sua ancestralidade e nos reconta a tradição oral recebida por ela a seus ancestrais. Nos seus poemas, a autora nos provoca a refletir sobre a importância de respeitar a natureza, estabelecendo uma relação poética entre a floresta, seus seres encantados e seus povos.

Na entrevista, que durou uma hora e trinta e cinco minutos e vinte e cinco segundos, houve a participação colaborativa de aproximadamente 100 pessoas conectadas ao canal, fazendo perguntas, elogios, comentários em relação à autora, ao livro dela, entre outros assuntos sobre a comunidade Kambeba. Vale destacar que até o momento de escrita deste artigo o vídeo no canal já havia alcançado 543 visualizações, conforme ilustra a Figura 2:

Figura 2 – Pôster de divulgação nas mídias sociais e a entrevista de Márcia Kambeba no YouTube



Pôster de Márcia Kambeba para ampla divulgação da entrevista dela nas mídias sociais

Entrevista de Márcia Kambeba com a participação do público no YouTube

Fonte: Autoria própria

A 3ª etapa contemplou, ainda, a terceira e última entrevista virtual ocorrida no dia 30 de julho de 2021, às 15 horas, com a escritora Eunice Tapuia, do estado do Goiás, no referido canal do YouTube. Na ocasião, foram apresentados dois trabalhos científico-acadêmicos escritos pela autora, a saber: sua dissertação de mestrado em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás, publicada em 2020 e que tem por título “Narrativas Oraís do Povo Indígena Tapuia do Carretão”⁹ e um artigo científico publicado pela Revista Porto das Letras, em 2018, com o título “Português Tapuia: um signo de resistência indígena”¹⁰.

⁹ Para ter acesso à dissertação de Eunice Tapuia, segue o link: <http://11nq.com/IBISq>

¹⁰ Para ter acesso ao artigo de Eunice Tapuia, segue o link: <http://11nq.com/XPvKK>

A dissertação de Eunice Tapuia, com 120 páginas, é um trabalho autoral que nos conduz a uma reflexão sobre a história brasileira, destacando o cenário de lutas, vitórias e derrotas da comunidade indígena, com ênfase na formação do povo Tapuia em Goiás. Já o artigo científico da autora possui 22 páginas discorrendo sobre questões concernentes à linguagem, como a ideologia do monolinguismo. A autora aborda, também, o reconhecimento do Português Tapuia como língua indígena e como língua da comunidade Tapuia.

Na entrevista de Eunice Tapuia, que durou uma hora e trinta e um minutos e cinquenta e oito segundos, houve a participação colaborativa de aproximadamente 80 pessoas conectadas ao canal, fazendo perguntas, elogios, comentários em relação à autora, às produções dela, entre outros assuntos sobre a comunidade Tapuia. Destacamos, ainda, que até o momento de escrita deste artigo, o vídeo no canal já havia alcançado 375 visualizações, conforme ilustra a Figura 3:

Figura 3 – Pôster de divulgação nas mídias sociais e a entrevista de Eunice Tapuia no YouTube



Pôster de Eunice Tapuia para ampla divulgação da entrevista dela nas mídias sociais

Entrevista de Eunice Tapuia com a participação do público no YouTube

Fonte: Autoria própria

Como podemos visualizar na Figura 1, Figura 2 e Figura 3, a série nomeada por “Roda de Entrevistas com Autoras Indígenas” teve uma participação considerável do público interessado na temática, tanto no decorrer das entrevistas quanto até o momento de escrita deste artigo, como podemos observar em relação ao quantitativo de visualizações de cada entrevista no canal do YouTube.

Destacamos, ainda, que essa devolutiva foi registrada por meio da condução de um questionário semiestruturado, com 24 perguntas, aplicado a 58 usuários do canal do YouTube que

participaram voluntariamente da entrevista das autoras. O instrumento foi respondido uma única vez, durante uma das três entrevistas. O acesso ao questionário foi realizado por meio do compartilhamento de um link direto no chat.

Além disso, durante cada entrevista, o site criado para cada uma das autoras indígenas, na segunda etapa deste estudo, foi apresentado e divulgado ao público. Vale destacar que o site delas sempre tem passado por atualizações, conforme as atuações sociais, bem como práticas linguísticas repassadas por elas próprias, à equipe do NEP-Linguagem, responsável pela alimentação dos três sites.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.1. A tecnologia e as causas indígenas

Primeiramente, destacamos que este estudo foi desenvolvido na situação de pandemia, causada pelo covid-19, em 2020 e 2021, sendo o WhatsApp, o Instagram, o Facebook, o e-mail, o documento do Google, o YouTube e o site Wix.com recursos tecnológicos essenciais para a condução deste trabalho em favor da promoção da visibilidade e do fortalecimento das vozes de Telma Tremembé, Márcia Kambeba e Eunice Tapuia, mulheres essas militantes que sempre estão gentilmente disponíveis para aqueles e aquelas que desejam ouvi-las nos diversos espaços de protagonismos indígenas de suas próprias histórias, ancestralidade, lutas, conquistas, entre outras informações recontadas nas obras de autoria própria.

Durante o isolamento social, em virtude da covid-19, a tecnologia nos possibilitou aproximar, entender e refletir sobre questões sociolinguísticas, culturais e territoriais do povo originário Tremembé, Kambeba e Tapuia. Portanto, a tecnologia serviu como auxílio na obtenção e na análise de resultados desta pesquisa em tempo síncrono e assíncrono e, ainda, como forma de promover a inclusão e visibilidade das obras literárias das referidas autoras indígenas. Corroborando as ideias de Costa (2019), o espaço virtual é fundamental para a criação de conhecimento e a realização de novas formas de pesquisa.

Ressaltamos, portanto, que o espaço tecnológico é um lugar de fortalecimento da memória indígena para além das fronteiras do Brasil. É um espaço no qual as identidades sociais indígenas são fortalecidas, mostrando a amplitude dos espaços por meio de textos denunciadores, como

destacam Costa e colaboradoras (2022, p. 41) ao se referirem à literatura indígena da comunidade Tremembé,

é perceptível para o leitor a existência de uma narrativa denunciadora, sobretudo porque a vivência indígena em perfeito equilíbrio com a natureza e entre si foi quebrada a partir das influências do fator desestabilizador, "políticas públicas europeias em território brasileiro", já que esse fator é fruto da colonização e de frentes expansionistas do capitalista e da exploração desordenada do território brasileiro.

A autora narra como o modo de vida indígena, antes do período colonial, respeitava o meio ambiente e os indígenas de outras comunidades tradicionais. Antes de serem invadidos pelo colonizador, os povos originários viviam em uma sociedade em que as desigualdades e as lutas pelo poder eram quase inexistentes, tudo era sempre resolvido de forma respeitosa à natureza e à territorialidade dos demais parentes indígenas e o consumo exacerbado da natureza, que permeia nossa atual realidade, antes não existia, esclarece Telma Tremembé no primeiro capítulo.

A interatividade tecnológica permitiu, portanto, que a literatura de autoria indígena mostrasse memórias ancestrais com o objetivo de recuperar a cultura, a identidade e os espaços que pertencem aos povos originários.

3.2. As autoras indígenas e a sociedade: questionário pré-entrevista e durante a entrevista

Com o propósito de respondermos como os enquadres sociais e os alinhamentos dos colaboradores desta investigação - de um lado, colaboradoras envolvendo três autoras de comunidades indígenas; e do outro lado, colaboradores envolvendo os usuários do canal no YouTube - representaram o lugar de pertencimento de autoras indígenas na sociedade, sobretudo por meio da interatividade tecnológica. Para isso, consideramos dois instrumentos de pesquisa: o questionário semiestruturado pré-entrevista e que foi aplicado com as três autoras indígenas e o questionário semiestruturado, conduzido durante as três entrevistas das autoras indígenas, no canal do YouTube.

Com foco nos dados gerados do questionário da pré-entrevista, em abril de 2021, foi perguntado para cada autora sobre quem era ela e qual a principal inspiração para que ela fosse escritora. Das principais respostas, obtivemos os seguintes resultados: (1) Telma Tremembé, da etnia Tremembé de Almofala/Itarema no Ceará, escritora há quatro anos, artesã, mãe, esposa, 48 anos de idade nos informou que a sua principal inspiração para começar a contribuir com a literatura indígena foi motivada por uma amnésia que sofreu aos 42 anos de idade em 2014; (2) Márcia Kambeba, da etnia Omágua/Kambeba na Amazônia brasileira, escritora há oito anos,

ouvidora geral do município de Belém/PA, 42 anos de idade, doutoranda em Letras na época, mãe, poetisa, atriz, compositora, cantora, palestrante, ativista, fotógrafa nos informou que a sua principal inspiração para começar a contribuir com a literatura indígena foi sua cultura, resistência e memória indígena; e (3) Eunice Tapuia, da etnia Tapuia do Carretão no Goiás, escritora há 15 anos, doutora em Direitos Humanos, 36 anos de idade, mãe, feminista, contadora de histórias, liderança de seu povo nos informou que a sua principal inspiração para começar a contribuir com a literatura indígena foi pelas histórias de sua avó.

Os dados também mostraram que todas as autoras indígenas concordam que os saberes ancestrais podem transformar a sociedade, tornando-a mais humana e harmoniosa; e, por mais que considerem que a visibilidade delas no cânone literário tenha ainda um espaço tímido, elas acreditam que o desenvolvimento de pesquisas, como esta, quebra estereótipos sobre a mulher indígena, bem como permite que a história brasileira seja ressignificada a partir da visão de quem aqui sempre sobreviveu desde a invasão brasileira em 1500, ou seja, para as autoras, esta pesquisa permitiu que as pessoas realinhassem seus conhecimentos sobre os fatos históricos, sociais e econômicos para além da visão ideologicamente eurocêntrica.

Os dados também revelaram que as produções textuais das escritoras indígenas enriquecem profundamente a literatura, a cultura e a história brasileira, por meio de seus saberes ancestrais. Para essas autoras, é fundamental criar espaços amplos e diversos para a difusão do conhecimento sobre os povos originários e suas tradições, a fim de evitar que esses saberes permaneçam restritos às aldeias. Além disso, buscam demonstrar que a mulher indígena tem conquistado novos espaços, atuando e se formando em diversas áreas, o que contribui para a ampliação do reconhecimento e compreensão da sua importância na sociedade. Para elas, as vozes indígenas têm sido potencializadas fora das aldeias cada vez mais e que apesar de terem conquistado, de volta, parte de seu espaço social, ainda assim, é preciso lutar pelo direito de haver mais integração social.

Segundo elas, mostrar a realidade sobre a atuação e o papel social da mulher indígena nos diversos contextos é uma maneira de melhorar, ou alinhar, a visão estereotipada da sociedade brasileira acerca das mulheres indígenas. Elas apontaram os seguintes contextos para o realinhamento social: literatura, música, TV, rádio, política, ambiente virtual e contexto escolar, já que as leis que tornam obrigatórios o ensino e a aprendizagem da cultura indígena têm sido, algumas vezes, descumpridas; e muitas informações desalinhadas da realidade indígena têm sido repassadas, o que aumenta o preconceito e os estereótipos, por isso é importante haver o ensino da literatura indígena em todas as escolas brasileiras. Sobre os espaços virtuais em torno do site

construído para elas, segundo as autoras indígenas, esses contextos tecnológicos servem como uma fonte de informação que dissemina memórias, histórias e saberes dos povos originários, contribuindo para o ensino da cultura indígena; além disso, esses espaços virtuais são como fontes de representatividade e inspiração para as gerações indígenas mais novas, ressaltaram as autoras.

Sobre os dados do questionário conduzido durante as entrevistas das autoras indígenas, os resultados mostraram participantes entre 14 e 54 anos de idade, sendo trinta e quatro pessoas do gênero feminino, vinte e quatro do gênero masculino e um não binário. Cerca de 36% dos voluntários residiam no Valparaíso de Goiás, 22% em Goiânia, 15,2% em regiões do Ceará e os outros 26,8% residiam em outros lugares do Brasil.

Os dados revelaram que 68,9% dos voluntários tinham pouco conhecimento sobre a literatura indígena, atribuindo essa falta de familiaridade à baixa visibilidade das obras de autoria indígena nas escolas e em outros espaços sociais. Dos participantes, 31% deles já tiveram algum tipo de contato com a literatura indígena e os motivos desse contato estiveram relacionados não apenas ao envolvimento de alguns deles no contexto escolar, como também, por mera especulação sobre a temática indígena.

Os dados mostraram que 98,2% dos voluntários reportaram que a tecnologia promove mais e mais a visibilidade, as causas indígenas e o interesse pela leitura das narrativas dos povos originários. Segundo esses participantes, é importante fortalecer a literatura de autoria indígena em diversos espaços, a saber: ambiente escolar, entrevistas, palestras, filmes, peças teatrais e rodas de conversa em que autores indígenas tenham espaço para falar sobre as suas vivências.

Sobre as leis que tornam obrigatório o ensino e a aprendizagem da cultura indígena nas escolas do Brasil, dos 58 participantes, 60,3% reportaram que tais leis não têm sido cumpridas, enquanto, 39,6% reportaram que essas leis estão sendo cumpridas parcialmente nas escolas. Como justificativa desse resultado, foi reportado um ensino com déficit de livros didáticos e mais voltados para o eurocentrismo, isto é, na “chegada” em solo brasileiro e na “descoberta” de um território pelos europeus. De acordo com os participantes, essa lacuna no ensino é principalmente devido à falta de políticas públicas que promovam a presença da cultura indígena nas escolas brasileiras, o que poderia ajudar a desconstruir estereótipos e preconceitos sobre os povos indígenas.

Ressaltamos que os participantes foram unânimes sobre a importância da literatura e do uso da tecnologia para haver mudanças sobre os preconceitos e os estereótipos da mulher indígena, especialmente no ambiente tecnológico, pois o alcance e a facilidade de acesso à informação,

juntamente com o uso extensivo da internet, têm o poder de influenciar muitas pessoas de maneira simultânea.

Os dados desses dois instrumentos, portanto, nos permitiu responder como os enquadres sociais e os alinhamentos dos colaboradores desta investigação representaram o lugar de pertencimento de autoras indígenas na sociedade, sobretudo por meio da interatividade tecnológica. Como respostas, consideramos que as mulheres indígenas atuam nos diversos espaços e possuem muitos papéis sociais, como escritoras, mães, militantes, entre outras funções sociais, para além de suas próprias aldeias, sendo protagonistas em diversos eventos sociopolíticos tanto em suas aldeias quanto fora delas. Portanto, conforme pontuam Tannen e Wallat (2013) a respeito dos enquadres interativos, nos realinhamos por meio das práticas discursivas que surgem no desenvolvimento da interação em se tratando da seguinte tríade: autora indígena, seus discursos textuais e seus leitores. Nesses processos de enquadre interativo ressignificamos, ou (re)alinhamos, o nosso entendimento sobre o lugar que cada uma ocupa e atua na sociedade brasileira.

Esse alinhamento ocorre, portanto, a partir do momento em que compreendemos os discursos de autoria indígena, passamos a respeitar a diversidade cultural na sociedade brasileira e a lutar em parceria com os povos originários, defendendo a natureza, a ancestralidade indígena, bem como a língua e a territorialidade dos indígenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observado, destacou-se a importância de pesquisas como esta, que evidenciam o papel das interações sociais no fortalecimento do caráter identitário dos indivíduos em suas relações socioculturais. Nessas relações, os participantes têm a oportunidade de expressar suas posições por meio de esquemas de conhecimento. Conforme demonstrado neste estudo, ao se relacionarem com as autoras indígenas, sua cultura e suas obras em um ambiente virtual, as comunidades entrevistadas realinharam seus posicionamentos sobre as questões analisadas, permitindo-nos traçar um panorama dos enunciados de resistência produzidos pelas autoras indígenas em resposta ao apagamento de suas vozes. Percebemos que a literatura indígena tem se estabelecido cada vez mais em meio ao cânone, revelando enunciados de autorrepresentações das identidades dos povos originários e desnaturalização das desigualdades socioculturais, sobretudo, por meio do uso da tecnologia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. I. O caminho de um pensamento vivo e a estética orgânica – a escola indígena, a partir da experiência literária. **Patrimônio e Memória**. São Paulo, Unesp, v. 10, n. 2, p. 17-34, julho – dezembro, 2014. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/464>. Acesso em: 31/08/2022.

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. Tradução de Parmênio Camurça Citó. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 85-106.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BRASIL. **Lei 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, 2008.

COSTA, N. M. A. **Estratégias Sociocognitivas para o Gerenciamento de Mal-Entendidos em Português Brasileiro como Língua Adicional no Contexto de Tandem**. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, tese de doutorado, 2019.

COSTA, N. M. A.; SANTOS, S. V. R. dos; CAMPOS, L. S.; PEREIRA, A. G. de O. Revisitando as “raízes do meu ser: meu passado presente indígena”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 11, n. 32, p. 40–48, 2022. DOI: 10.5281/zenodo.6892957. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/668>. Acesso em: 29 ago. 2022.

DENZIN, N. K. The new ethnography. **Journal of Contemporary Ethnography**, v. 27, n. 3, 1998. p. 405-415.



DESSBESELL, D. L.; FRUET, F. S. O. O potencial do hipertexto para o ensino-aprendizagem da leitura. **Temporis (ação)**, v. 12, nº 1, p. 40 - 59, jan./dez. 2012.

FLICK, U. **Métodos de pesquisa: Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GLASER, B.; STRAUS, A. **The discovery of grounded theory strategies for qualitative research**. Chicago: Aldine, 1967.

GOFFMAN, E. Footing. Tradução de Beatriz Fontana. In.: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 197-148.

GUMPERZ, J. J. **Discourse strategies**. Cambridge: University Press, 1982.

GUMPERZ, J. J. Convenções de contextualização. Tradução de José Luiz Meurer e Viviane Heberle. In.: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 149-182.

HINE, C. **Virtual Ethnography**. London. SAGE Publications, 2000.

LÉVY, P. **Inteligência coletiva**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

TANNEN, D.; WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. Tradução de Parmênio Camurça Citó. In.: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 183-214.